

Jane Austen

RAZÃO E SENTIMENTO

*Tradução de* RODRIGO BREUNIG

[www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)

**L&PM** POCKET

**“TODO MUNDO SE PREOCUPA COM ISSO”  
OU TRÊS OU QUATRO MANEIRAS DE AMAR.**

*Rodrigo Breunig\**

JANE AUSTEN COMEÇOU A MOLDAR a história de *Razão e sentimento* (*Sense and Sensibility*) por volta de 1795, quando tinha dezenove anos, morando ainda em seu vilarejo natal, Steventon, no sul da Inglaterra. Até ali, compusera somente novelas ligeiras, esquetes despreziosos de juvenília, paródias que ela lia em voz alta para entreter os familiares. *Razão...* é seu primeiro romance de fôlego e seu primeiro livro publicado.

Ela remexeu, aprimorou e atualizou com afincos suas principais obras no decorrer dos anos. Além da póstuma edição conjunta de *A abadia de Northanger* e *Persuasão* (1818), as versões definitivas que temos de seus grandes romances, nas quais ela chegou a dar o toque derradeiro, são as primeiras edições de *Orgulho e preconceito* (1813) e *Emma* (1816) e as segundas edições de *Mansfield Park* (1816) e *Razão...* (1813).

Entre o embrião e a forma final de *Razão e sentimento*, portanto, houve um intervalo de quase vinte anos. Nesse meio-tempo, Jane escreveu *First Impressions*, cujo manuscrito, oferecido para publicação por iniciativa de seu pai, foi rejeitado sem nem mesmo ser lido; finalizou *Susan* – o futuro *A abadia de Northanger* – e o vendeu por meras dez libras para um editor que, sem maiores explicações, jamais o publicaria; iniciou *The Watsons* e o deixou inacabado; conseguiu finalmente que uma obra sua chegasse às livrarias; transformou *First Impressions* em *Orgulho e preconceito*, sua obra-prima; publicou *Orgulho...*, obtendo imenso êxito;

---

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é tradutor de Jane Austen (*A abadia de Northanger*, L&PM, 2011), Edgar Allan Poe (*O escaravelho de ouro*, L&PM, 2011) e H.G. Wells (*Uma breve história do mundo*, L&PM, 2012), entre outros.

delineou e terminou *Mansfield Park*. E viveu quase a metade de sua curta existência: enfrentou o trauma de abandonar a residência de Steventon quando seu pai clérigo se aposentou (a propriedade ficou com o irmão mais velho); morando em Bath, perdeu o pai; passou por dificuldades financeiras com a mãe e com a única irmã, solteira como ela; teve de procurar por moradias mais baratas; dependeu do amparo de familiares e conhecidos abastados; dividiu aposentos apertados com a família de outro irmão em Southampton; por fim se fixou num chalé em Chawton, providenciado às senhoras Austen por outro irmão, homem rico; vivenciou aproximações amorosas que não deram em nada; conformou-se com a certeza de que jamais casaria. Quando saiu a segunda edição de *Razão e sentimento*, Jane completara 37 anos, e tinha menos de quatro anos de vida pela frente.

A história da qual derivou *Razão...* se chamara originalmente, de acordo com os Austen, “Elinor e Marianne”, e nascera provavelmente em forma epistolar – gênero muito comum nos romances populares da época –, com troca de correspondências entre as irmãs protagonistas e talvez terceiros. Caroline Austen, sobrinha da escritora, recordaria meio século depois da morte da tia: “A memória é traiçoeira, mas não posso estar enganada em afirmar que *Razão e sentimento* foi primeiro escrito em cartas, e assim lido para sua família”. Segundo Cassandra, a irmã, a redação da nova versão começara em novembro de 1797. Sabe-se que Jane voltou a fazer alterações significativas no texto doze anos depois. Na iminência do lançamento, em meio à correção das provas do livro, numa carta de abril de 1811 que mandou de Londres para Cassandra (existem muitas lacunas na correspondência dos meses anteriores), ela escreveu: “Eu nunca estou ocupada demais para deixar de pensar em *S. & S.* Não consigo esquecê-lo, não mais do que uma mãe consegue esquecer seu filho de peito”.

Aquela era sua terceira tentativa de se lançar como autora. Henry Austen, o irmão favorito, registraria: “Foi com extrema dificuldade que os amigos [...] a convenceram a

publicar seu primeiro trabalho”. Sem vender os direitos autorais, Jane pagou pela impressão, comprometendo-se a destinar uma comissão dos lucros ao editor. Ainda segundo Henry, ela não acreditava que as vendas do livro lhe reembolsariam o custo da publicação, e até mesmo reservara uma parte de sua “muito moderada renda” para compensar o “esperado prejuízo”. Assinado por “uma dama” – como seus outros romances lançados em vida –, impresso em três pequenos volumes, *Razão e sentimento* teve seu primeiro anúncio pago na imprensa londrina em 30 de outubro de 1811, sendo propagandeado como romance “interessante” (história de amor) e “extraordinário”. A primeira tiragem, com algo entre quinhentos e oitocentos exemplares, esgotou-se por volta de um ano e meio depois. Jane escreveria para o irmão Francis em 6 de julho de 1813: “Você vai ficar feliz em saber que todas as cópias de *S. & S.* estão vendidas, e que o negócio me rendeu 140 libras – além dos direitos autorais, se é que algum dia eles terão algum valor”.

A recepção nos periódicos especializados foi bastante positiva. Em fevereiro de 1812, o *Critical Review* reclama dos “numerosos romances” que aparecem “continuamente”, tão idênticos em “estilo” e “substância” que nas primeiras três páginas deixam claro “não apenas como terminarão”, como também já sugerem os “vários incidentes que vão ocorrer, as dificuldades e os perigos que devem advir, com todos os dissabores e reencontros constrangedores etc. etc., que são tão altamente necessários na criação de um romance da moda”. E certifica que *Razão e sentimento*, com seus incidentes “prováveis” e personagens vívidos, merece como poucos outros o elogio de ser ao mesmo tempo divertido e instrutivo.

O *British Critic* afirma em maio: “estimamos tão favoravelmente esta performance que é com alguma relutância que declinamos inseri-la entre nossos principais artigos”; “o objetivo da obra é representar os efeitos na conduta da vida de um discreto e quieto bom-senso, por um lado, e de uma suscetibilidade ultrarrefinada e excessiva por outro”; “um íntimo conhecimento da vida e do caráter feminino é exemplificado

nos vários personagens e incidentes”; “nossas amigas leitoras [...] poderão aprender [...] muitas máximas sóbrias e salutares”. O resenhista ressalva que a genealogia do começo do livro é um tanto desnorteante, com seu emaranhado de “meias-irmãs, primas, e assim por diante”, mas conclui dizendo que para “insignificantes defeitos existe ampla compensação”.

A primeira edição francesa, de 1815, uma versão estapafúrdia, em “tradução livre”, ganhou o título *Razão e sensibilidade, ou As duas maneiras de amar*. A tradutora, Isabelle de Montolieu, trocou nomes e alterou características de personagens, suprimiu ironias e inventou situações e desdobramentos como bem quis, em nome de um didatismo sentimental. Já no primeiro capítulo, por exemplo, a pequena Margaret se transforma em Emma; em vez de dar indícios de que não vai “se igualar a suas irmãs em um período mais avançado da vida”, ela promete “ser em poucos anos tão bela e tão amável quanto suas irmãs”.

A poesia, por aquele tempo, ainda era considerada uma arte muitíssimo superior ao patamar frívolo e recreativo dos romances. O escritor de prosa comum era uma figura vulgar, uma espécie de reles comerciante. Walter Scott, citado em *Razão...* como um dos poetas favoritos de Marianne (ele ainda não iniciara sua fase romancista, que o faria ser o primeiro autor de língua inglesa lido mundialmente em vida), publicaria em 1816, no *Quarterly Review*, o primeiro estudo relevante das ficções de Jane Austen, numa crítica não assinada de *Emma*. Na originalidade de seu olhar sobre a vida real, opinou Scott, a autora de *Orgulho e preconceito* despontava “praticamente sozinha”. Depois de comentar que os romances em geral são o “pão comido em segredo”, e antes de louvar o “conhecimento do mundo” por parte da escritora e o “peculiar tato com que ela apresenta personagens que o leitor não pode deixar de reconhecer”, o futuro autor de *Ivanhoé* expõe o enredo de *Razão...* assim:

Razão e sentimento [...] contém a história de duas irmãs. A mais velha [Elinor, a srta. Dashwood], uma

jovem dama prudente, de sentimentos regulados, torna-se gradualmente atraída por um homem de excelente coração e talentos limitados [...]. Na irmã mais nova [a srta. Marianne], a influência da sensibilidade e da imaginação predomina; e ela, como era de se esperar, também se apaixona, mas com uma paixão mais desenfreada e obstinada. [...] O interesse e o mérito da obra dependem totalmente do comportamento da irmã mais velha, enquanto é obrigada ao mesmo tempo a suportar seu próprio desapontamento com fortitude e amparar sua irmã, que se abandona, com sentimentos irreprimidos, à indulgência da dor.

A época na qual Jane Austen criou seus seis grandes romances, o longo período da maturação de *Razão... e Orgulho...* e os poucos anos que ela teve como escritora publicada, foi uma época de traumas e turbulências nacionais. A Inglaterra militarizada e rural em que ela viveu, na perspectiva indeterminada do novo século, era um mundo de privilégios ameaçados e de fissuras nas prerrogativas aristocráticas. A classe mais alta sempre mantivera benefícios e pompa num cotidiano sem trabalho definível, numa vida baseada em títulos de nobreza, rendimentos herdados, dividendos de uma ordem social instituída. No passado recente havia o terror que derrubara o monarquismo francês na Revolução de 1789 e a Guerra da Independência dos Estados Unidos (1775-1783). No presente – ao longo das três décadas em que Jane Austen escreveu –, os ingleses disputavam intermináveis conflitos armados com a França. As Guerras Napoleônicas só teriam fim em 1815. Nas décadas seguintes, o crescimento violento da industrialização revolucionaria o mundo inteiro. Aqueles eram anos de tremenda instabilidade econômica. Quem tinha terras lucrava com a guerra – vender madeira era um belo negócio. Viver com pouco dinheiro, no entanto, ia ficando mais e mais complicado. E o primeiro obstáculo que desola Elinor e Marianne, na abertura de *Razão e sentimento*, é um desespero financeiro.

Havia um esquema na lei inglesa para que os aristocratas (os menos abastados com frequência faziam o mesmo) tentassem perpetuar seu patrimônio *intocado* no nome paterno da família. O autor do testamento deixava tudo ao filho ou herdeiro homem mais velho, mas a este cabia não mais do que administrar os bens, cujo dono efetivo seria somente o herdeiro homem seguinte. Nos três primeiros parágrafos de *Razão...*, lemos que o sr. Dashwood, sua segunda esposa e as filhas deles – Elinor, Marianne e Margaret – estão morando faz alguns anos em Norland Park, com um tio do sr. Dashwood, proprietário das extensas e valiosíssimas terras em volta. O sr. Dashwood tem um filho de seu primeiro casamento, John, que já é rico pela herança da mãe e por seu próprio casamento. Quando morre o velho tio, o sr. Dashwood constata que o legado é assegurado “a seu filho e ao filho de seu filho, uma criança de quatro anos” – o filho de John, o herdeiro mais distante possível. Quando morre o sr. Dashwood, John assume o controle de tudo. A viúva e as filhas ficam no limiar da miséria (miséria para quem vinha morando num palácio com inúmeros criados, cavalos e carruagens).

A primeira manifestação direta de um personagem, na narrativa, ocorre na exposição de um pensamento de John: “Sim, ele lhes doaria 3 mil libras”. Contudo, por influência de sua mulher, ele acaba não doando nada para suas meias-irmãs. Elas e a sra. Dashwood passam de moradoras da mansão a hóspedes indesejadas. Serão praticamente enxotadas pela esposa de John, e terão de depender da bondade de um parente distante, indo morar num chalé longe dali, uma moradia “pequena e pobre”.

O primeiro diálogo do romance ocupa o segundo capítulo por inteiro, e é uma longa conversa sobre dinheiro. Além dos criados, nenhum personagem trabalha para ganhar a vida. A preocupação com fortunas herdadas e acordos matrimoniais está no centro de todos os sobressaltos dramáticos. O dote da srta. Grey, uma herdeira que surge na metade do livro, a jovem dama mais dotada dos romances de Jane Austen, é de 50 mil libras. Quem se casar com ela terá um rendimento anual

garantido, num investimento com juros de cinco por cento, de 2.500 libras. Só poderemos ter uma noção adequada do valor de uma renda como essa, porém, se levarmos em conta que um trabalhador ou agricultor ganhava em média vinte libras por ano para sustentar sua família, e que um cavalheiro distinto precisava de no mínimo trezentas individualmente. Mil por ano já propiciavam um certo relevo social. Cem por ano impunham um cotidiano penoso. Não era raro que criadas, ganhando quatro ou cinco vezes menos do que os homens, recebessem pagamentos anuais de cinco libras. Quando a sra. Dashwood e suas filhas saem de Norland, elas dispõem de mais ou menos 120 libras anuais para cada uma (um rendimento, no total, quase idêntico ao das damas Austen por volta de 1810). Mesmo assim, uma vez que pagarão um preço amigável pelo aluguel do chalé, terão condições de manter duas criadas e um criado.

No início da história, lemos que a sra. Dashwood rejeitava categoricamente “a lei segundo a qual uma diferença de dotes deveria manter qualquer casal separado quando existisse atração por semelhança de temperamentos”. No final, ao cogitar um pretendente rico e de temperamento contrastante para uma de suas filhas, ela declara, referindo-se à fortuna dele: “todo mundo se preocupa com *isso*”. Na visão inicial de Marianne, “o dinheiro só pode proporcionar felicidade quando não há nada mais que a proporcione”. Para Elinor, o bem-estar financeiro “tem muito a ver com ser feliz”. A última manifestação direta de um personagem será novamente uma expressão do pensamento de John, agora pronunciada, numa conversa com Elinor: ele afirma que sentiria “grande prazer” em ter um cunhado rico. E uma das melhores ilustrações do antissentimentalismo da narrativa, num acatamento sereno da implacável realidade, aparece também nas páginas finais: “nenhum dos dois estava tão apaixonado a ponto de pensar que 350 libras por ano lhes propiciariam os confortos da vida”.

Mas o dinheiro é apenas uma entre as incontáveis complexidades de *Razão e sentimento*. Ao longo do século XX, o romance foi estudado em seus feitiços de psicologia sexual,



alusão literária, autobiografia, ideologia, filosofia, feminismo, conservadorismo, radicalismo. A leitura do livro nos oferece: frases longas e prodigiosas; diálogos espirituosos; pessoas ridículas; pessoas ruins que não são desprovidas de qualidades da mente ou do coração; pessoas boas que mentem; ilusões esmagadas; reviravoltas folhetinescas; noivados secretos, assumidos, rompidos; e três ou quatro maneiras de amar.

# RAZÃO E SENTIMENTO

## Capítulo 1

A FAMÍLIA DASHWOOD SE ESTABELECERA em Sussex havia muito tempo. Suas terras eram extensas e sua residência era Norland Park, no centro da propriedade, onde, por muitas gerações, eles tinham vivido de um modo tão respeitável que acabaram por conquistar a opinião favorável de todos os conhecidos circundantes. O mais recente proprietário dessas terras era um homem solteiro que viveu até uma idade bastante avançada, e que por muitos anos de sua vida teve a irmã como governanta e companheira constante. Mas a morte dela, que ocorreu dez anos antes de sua própria morte, produziu grande alteração em sua casa, pois para suprir a perda da irmã ele convidou e recebeu em seu lar a família de seu sobrinho, o sr. Henry Dashwood, herdeiro legal de Norland e pessoa para quem pretendia legar a propriedade. Na companhia do sobrinho, da sobrinha e das filhas deles, os dias do velho cavalheiro se passaram confortavelmente. O apego por todos eles aumentou. A constante atenção do sr. e da sra. Henry Dashwood a seus desejos, derivando não de um mero interesse, mas sim de corações bondosos, lhe deu todos os graus de sólido conforto que sua idade poderia receber; e a jovialidade das crianças conferiu um sabor adicional a sua existência.

De um casamento anterior, o sr. Henry Dashwood tinha um filho; com sua presente senhora, três filhas. O filho, um jovem firmado e respeitável, era amplamente provido pela fortuna de sua mãe, uma soma grande, metade da qual lhe foi transferida quando ele atingiu a maioridade. Também por seu próprio casamento, que ocorreu logo depois, ele fez crescer sua riqueza. Para ele, portanto, a sucessão dos bens de Norland não era tão importante quanto para suas irmãs, porque a fortuna delas, independente dos ganhos que pudessem vir a ter quando a propriedade fosse herdada pelo pai, só poderia ser pequena. A mãe não tinha nada; e o pai dispunha pessoalmente de apenas 7 mil libras, porque a fração restante da fortuna de sua

primeira esposa estava legalmente assegurada também ao filho dela, e somente em vida ele poderia ter usufruto de tal fração.

O velho cavalheiro morreu; seu testamento foi lido e, como quase todos os testamentos, gerou decepção e prazer na mesma medida. Ele não foi tão injusto ou tão ingrato a ponto de não deixar suas propriedades para seu sobrinho – mas as deixou em termos tais que metade do valor do legado se perdeu. O sr. Dashwood desejava receber a herança mais por causa de sua esposa e das filhas do que por si mesmo ou por seu filho – mas o legado foi assegurado a seu filho e ao filho de seu filho, uma criança de quatro anos, de tal forma que se viu sem condições de prover sustento àquelas que eram muitíssimo queridas para ele, e que precisavam muitíssimo de uma provisão através de qualquer custódia sobre as terras ou qualquer venda de suas valiosas matas. O conjunto foi amarrado em benefício dessa criança, a qual, por meio de visitas ocasionais com seu pai e sua mãe em Norland, ganhara o afeto de seu tio graças aos atrativos que não são nem um pouco incomuns em crianças de dois ou três anos de idade – articulação imperfeita, um sincero desejo de validar suas próprias vontades, muitos truques astuciosos e uma grande quantidade de ruído, como que para superar o valor de todas as atenções que, durante anos, ele recebera de sua sobrinha e das filhas dela. O velho, no entanto, não quis ser indelicado e, em sinal de seu afeto pelas três meninas, lhes deixou mil libras para cada uma.

A decepção do sr. Dashwood foi, a princípio, severa; mas seu temperamento era jovial e otimista; ele podia esperar razoavelmente que fosse viver ainda muitos anos e, vivendo economicamente, guardar uma soma considerável a partir da produção de uma propriedade já extensa, capaz de melhoria quase imediata. Mas a fortuna, que lhe chegara tão tarde, foi sua por apenas doze meses. Ele não sobreviveu a seu tio mais do que isso; e 10 mil libras, incluídos os recentes legados, foi tudo que restou para sua viúva e suas filhas.

Seu filho foi chamado assim que se soube que sua vida corria perigo. A ele o sr. Dashwood recomendou, com a

máxima força e urgência que a doença lhe podia permitir, os interesses da madrasta e das irmãs.

O sr. John Dashwood não tinha os fortes sentimentos que caracterizavam o resto da família, mas ficou afetado por uma recomendação de tal natureza num momento como aquele; prometeu fazer tudo em seu poder para lhes garantir conforto. Seu pai se tranquilizou com essa garantia, e assim o sr. John Dashwood teve ocasião para considerar o quanto, de maneira prudente, lhe seria possível fazer por elas.

Ele não era um jovem de más intenções, a menos que possuir um coração bastante frio e ser um tanto egoísta signifique ter más intenções; mas era, de modo geral, bem respeitado, porque se conduzia com propriedade no exercício de seus deveres normais. Se tivesse desposado uma mulher mais amável, poderia ter se tornado ainda mais respeitável do que era – poderia inclusive ter se tornado amável ele mesmo, pois era muito jovem quando se casou e gostava muito de sua esposa. Mas a sra. John Dashwood era uma forte caricatura dele mesmo – mais tacanha e egoísta.

Quando fez a promessa para seu pai, meditou em seu íntimo que poderia incrementar os dotes das irmãs com um presente de mil libras para cada uma. Realmente pensou que tinha condições para tanto. A perspectiva de 4 mil por ano, em acréscimo aos rendimentos atuais de que dispunha, além da metade restante da fortuna de sua própria mãe, aqueceu seu coração e fez com que se sentisse capaz de generosidade. “Sim, ele lhes doaria 3 mil libras; isso seria uma bela demonstração de liberalidade! Seria suficiente para que elas ficassem completamente tranquilas. Três mil libras! Ele poderia dispensar essa considerável soma com bem pouca inconveniência.” Pensou o dia todo nisso, e por muitos dias sucessivamente, e não se arrependeu.

O funeral do sogro mal terminara e a sra. John Dashwood, sem enviar qualquer aviso de sua intenção para sua sogra, apareceu com seu filho e seus criados. Ninguém podia contestar seu direito de vir; seu marido era dono da casa desde o momento da morte do pai dele; a indelicadeza

de sua conduta, porém, se mostrou maior do que nunca e, para uma mulher na situação da sra. Dashwood, com seus naturais sentimentos, seria decerto muito desagradável. Mas em *sua* mente havia um senso de honra tão aguçado, uma generosidade tão romântica, que qualquer ofensa desse tipo, independente de quem a causasse ou recebesse, era para ela uma fonte de desgosto irremovível. A sra. John Dashwood jamais obtivera qualquer simpatia na família do marido; mas não tivera chance, até ali, de lhes mostrar como era capaz de agir, quando a ocasião exigia, com atenção quase nula pelo conforto de outras pessoas.

Tão profundamente a sra. Dashwood sentiu esse comportamento descortês, e tão sinceramente desprezou sua nora por isso, que com a chegada desta última teria deixado a casa para sempre, não fosse o fato de que a súplica de sua filha mais velha incutiu em sua mente a necessidade de refletir, primeiro, sobre a propriedade de partir; e seu terno amor por suas três garotas fez com que por fim decidisse permanecer e, pelo bem das filhas, evitar uma ruptura com o irmão delas.

Elinor, essa filha mais velha cujo conselho foi tão eficaz, era dotada de um poder de compreensão e uma frieza de julgamento que a qualificavam, embora tivesse apenas dezenove anos, para ser conselheira de sua mãe, e lhe permitiam frequentemente combater, para vantagem de todas elas, o temperamento teimoso da sra. Dashwood, que em geral abria caminho a imprudências. Elinor tinha um coração excelente. Sua disposição era sempre afetuosa e seus sentimentos eram fortes, mas ela sabia como governá-los; esse era um conhecimento que sua mãe ainda tinha de aprender, e que uma de suas irmãs resolvera que nunca lhe seria ensinado.

As habilidades de Marianne eram, em muitos aspectos, bastante semelhantes às de Elinor. Ela era sensata e astuta, mas ansiosa em tudo; suas tristezas e suas alegrias jamais tinham moderação. Era generosa, amável, interessante; era tudo, menos prudente. A semelhança entre Marianne e sua mãe era notavelmente grande.